

A violência contemporânea: algumas reflexões

Fábio Ruela de Oliveira

O pensador contemporâneo Raymond Williams (1921-1988), em sua obra *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade* (SP: Boitempo Editorial, 2007), já adverte que violência “é hoje, freqüentemente, uma palavra difícil”. Frisa que “o poder emocional dessa palavra pode causar muita confusão”. Williams conclui o breve estudo do termo violência nesse livro, evidenciando que “se trata, portanto, de uma palavra que necessita de definição específica inicial, se não quisermos cometer uma violência contra ela, ou seja, arranca-la do seu significado que remonta a fins do século 16”. A obra de Williams sugere de outro modo que sejam feitas configurações e reconfigurações dos significados de várias palavras-chave, como violência, que adquirem seus sentidos historicamente, isto é, a violência está na história e é usada pela história. A presente reflexão sobre violência para este *Observatório do Mundo Contemporâneo* é parcialmente inspirada nas idéias desse autor. Não vamos relativizar o conceito violência, tão pouco por um ponto final, mas propor reflexões marginais que possam colaborar na sua definição e principalmente no seu melhor emprego.

Somos bombardeados diariamente pela violência, nas suas diversas manifestações. Esse tema recorrente, sobretudo na mídia, nos grandes jornais e revistas, bem como nos vários noticiários da TV local ou nacional. A partir disso precisamos questionar: como a mídia nos dá a ler o que seja violência? Com que fins ela explora a violência? É preciso perceber que, por tratar-se de um tema de apelo emocional significativo, a mídia tende a usar a violência como carro-chefe para a venda e audiência de seus jornais. De outro lado, os vários meios de comunicação classificam todos os atos de grupos resistentes, manifestantes e questionadores do *status quo* de violentos, mas não problematizam a possível violência indireta que vivem ou viveram, até partirem para uma ação direta violenta e objetiva, não banal, como querem nos fazer crer muitas vezes. As mídias também são imperdoáveis e intransigentes com qualquer tipo de violência hedionda, praticada por indivíduos criados em ambientes extremamente corruptos e indignos, que possuem traumas psíquicos profundos, mas nunca problematizam a barbárie à que foram e estão sujeitos, e por ela são chamados de bárbaros.

È difícil, mas é necessário ampliar as noções ou relações do conceito de violência, questionar a noção maniqueísta ligada a violência, ou seja, a simples idéia de que, quem pratica violência são os maus e os outros são os bons. Temos de ter clareza de que na sociedade contemporânea a violência é banalizada, porém transmitida de forma maniqueísta. Somos violentados e violentamos pelo excesso de violência na mídia, na TV, que deste modo vai formando uma sociedade fundada no medo. A história do século 20 nos mostra que o resultado da inoculação constante do medo na sociedade é a formação de governos totalitários, extremamente violentos, capazes de atrocidades.

Mas a mídia, ao abordar a violência do Estado, tanto junto a grupos opositores e reivindicatórios, quanto aos marginais que trazem históricos de vidas que não lhe sugerem outra opção, senão a bandidagem, usam outras expressões para a violência institucional, como força, ou defesa. Não empregam violência para os crimes do colarinho branco, de desvio de verbas e assaltos aos cofres públicos, de cifras faraônicas, que geram vácuos incalculáveis na assistência social de milhões, que são seduzidos, por exemplo, pelo crime organizado que os rodeia. Os pobres violentos são os preferidos no tribunal da inquisição midiática. Entretanto, quando os facínoras que deflagram violências maiores e mais banais são jovens de classes média ou alta, deprimidos e entediados pelo consumismo e opulência vazia de suas vidas, a mídia tende a amaciar no trato e procura achar respostas junto a uma sorte de especialistas de gabinete.

Faz-se necessário uma leitura a contrapelo, procurando observar como as sociedades lidam historicamente com a violência. Quando somos roubados, assaltados, baleados, respondemos de forma impetuosa e emotiva, com um desejo ainda maior de violência e agressão. Essa parece ser a maneira mais comum de relação com a violência, e nesses arroubos a repressão imediata se coloca como única solução. Mas se analisarmos a questão do narcotráfico (associado forma simples e direta à violência) e refletirmos as relações de tal setor criminoso com outras esferas de organização da sociedade, vislumbramos a questão sob ótica de um mercado de drogas e seu amplo uso na sociedade, por exemplo, veremos que a repressão generalizada não dá conta de uma possível solução para conter ou diminuir a violência. Trata-se indubitavelmente de uma análise complexa, difícil, perigosa talvez, tanto que são poucos os especialistas que ousam discutir sob outros prismas.

Pois bem, a humanidade manipula há milênios, e até há pouco tempo atrás de forma restrita e ritualística, algumas das chamadas drogas ilícitas. Mas hoje a utilização destas foi ampliada e banalizada. Seu consumo, em todas as classes sociais (inclusive por ilustres da sociedade, que difundem o discurso da repressão total), movimenta uma estrutura produtiva gigantesca. Para atender a grande demanda consumidora essa organização produtiva e criminosa sub-emprega muitos trabalhadores num processo de mão-de-obra semi-escrava e também infantil, nas lavouras e nos pontos de venda. Muitas das chamadas “bocas”, armadas até os dentes, não reconhecem e não são reconhecidas na dinâmica de livre concorrência do mercador liberal, e são também pontos de disputas homéricas. As incalculáveis cifras do comércio de drogas ilícitas correm o mundo para serem lavadas e, do mesmo modo, influem sobre a indústria bélica mundial, que vende armas para bandidos e mocinhos, promovendo verdadeiras “guerras civis não declaradas”.

De outro lado às indústrias do álcool, do tabaco e farmacêutica, que constituem trustes riquíssimos, também englobam um vultuoso aparato publicitário e corrompem o Estado. Nas drogas lícitas, como o tabaco, incidem pesados impostos, que não são coerentemente repassados para os setores a que são propostos, como por exemplo, o sistema público de saúde. Uma sociedade capitalista já doente pelo excesso ou pela exceção, pela exploração do trabalho e pela coerção a padrões de beleza e saúde, tende sim a se auto-medicar e a se drogar. Mas o perverso nesse processo é que os cartéis farmacêuticos e as organizações das drogas lícitas ainda ampliam e sofisticam o discurso da doença. Sugerem que se beba álcool, mas que se cuide, e não abuse, não tenha ressaca, não se deprima, pois o trabalho o espera. Caso tenhamos ressacas ou depressões, ou queiramos emagrecer, as farmácias estão lotadas de novidades. O consumo de álcool, excessivamente sugerido pela propaganda “das boas”, engendra a violência doméstica, especificamente a agressão física à milhões de mulheres. O álcool também promove o genocídio diário ligado às mortes por brigas em bares e acidentes fatais no trânsito e nas rodovias. Às últimas estatísticas de mortes no trânsito, só no Brasil, chegam a 300 mil por ano, e mais da metade desse número são de jovens, até 28 anos de idade.

Com base nos parágrafos acima, sobre as estruturas do mercado de drogas, lançamos algumas questões para a reflexão: Quem, ou o que promove a violência hoje? Será que as drogas ilícitas não proporcionam mais lucros assim, proibidas, do que se

fossem lícitas, fiscalizadas e taxadas? E se o Estado começasse a discutir uma possível política de drogas, revendo a proibição? Como ficaria a situação da indústria bélica? Como se comportariam as empreiteiras que constroem presídios superfaturados para abrigar os contingentes do narcotráfico? O que aconteceria com estrutura de lavagem do dinheiro sujo do tráfico de drogas? As industriais farmacêuticas, de tabaco e de álcool também não são inocentes. Seus *lobbies* e esquemas de propinas constituem um lodo de corrupção e de assédio moral infiltrado no Estado.

Portanto, se fizermos o exercício de ampliar os sentidos do termo violência, especialmente no mundo contemporâneo, veremos que o mesmo tem relações enraizadas e ramificadas no interior do sistema capitalista. Muito se ganha e se acumula com a violência. Ela constitui uma contradição inerente desse sistema e tende a se explicitar mais, com a mesma violência com que o capitalismo se impõe, e vem se impondo ao longo da história, desde os séculos XVI e XVIII até hoje, com a expropriação violenta dos trabalhadores do campo e com os criminosos métodos de divisão e exploração do trabalho.

A violência e suas implicações.

Sandra Popiolek

A violência é um tema rico em discussão pela sua amplitude, embora não haja uma definição específica, e está conosco em nossa casa, na escola, no trabalho, em toda a sociedade. Em pequenos atos que provocam o medo e a ameaça a violência está. Por exemplo, quando a mãe se preocupa com a demora do filho que está na rua, ela já teme que ocorreu algum tipo de violência com seu filho. Ou também, a irracionalidade de grande parte das pessoas desencadeia agressão no trânsito, discussões entre motoristas que atacam uns aos outros verbalmente ou fisicamente. Logo, qualquer tipo de violência gera no homem o receio de perder a sua dignidade física e mental. Para melhor compreensão, discutiremos três elementos que vivenciamos e estudamos

Olhamos as grandes cidades contornadas por favelas, na maior parte habitada por pobres, sofrendo com crime, tráfico e luta de gangues, que configuram muitas vezes a milícia particular da região. A causa disso tudo é clara: a má distribuição de renda, o que produz uma luta de classes no interior da sociedade. A mídia mostra que é na periferia onde ocorre a violência mais deflagrada, mas isso não quer dizer que os pobres são mais violentos. Omitem, por exemplo, como se formaram as favelas e quais os fatores que construíram essa imagem de violência e pobreza. Não questionam o porque dessa imagem de violência ser atribuída às favelas. Até podemos pensar que o mesmo “playboy” que violenta a empregada doméstica, coloca fogo em índios e mendigos ou provoca brigas em boates, é o mesmo que “sobe o morro” e colabora com o financiamento do tráfico de drogas, dessa forma, gerando ainda mais violência.

Outro elemento relacionado à nossa história foi o escravismo colonial. Durante quase quatrocentos anos da História do Brasil, o sistema escravista predominou nos campos como a principal forma de mão de obra. As relações de trabalho que envolvia a coerção física através de castigos e torturas também podem ser consideradas como violentas. Quando esse sistema foi extinto, a maioria desses trabalhadores foi para as periferias das grandes cidades. Enfim, o processo de dominação entre os povos é sinônimo de intensa e contínua violência. As colonizações feitas sobre os territórios indígenas são exemplos de massacres sangüinários.

Ainda podemos usar a Ditadura Militar no Brasil como o terceiro elemento, pois pelo menos três gerações sentiram diretamente ou indiretamente o peso da mão armada pelas classes dominantes brasileiras para estabelecer uma ordem política, que garantisse seus interesses materiais e compromissos econômicos. Atualmente, as formas de intervenção policial na sociedade continuam violentas.

A multiplicidade das formas de violência presente na sociedade contemporânea está diretamente ligada a questões sociais, desfragmentação da família, precarização do trabalho, entre outros. A violência é uma questão global, e merece maior atenção do Estado, mas não somente no controle repressivo. O próprio cidadão deve minimizar a violência nas suas relações sociais, de forma consciente sem apelar para mais repressão e violência.

O Estado e seus mecanismos de repressão e violência

Carlos Mauricio Trindade

Ao ver as sirenes e o policiamento nas ruas, a população em geral fica feliz em estar sendo protegida, pois como o polícia nas ruas prendendo os banidos cuidando do funcionamento da sociedade e da paz. Inglaterra Vitoriana, reformas no policiamento a partir de 1829, restringiram grande parte dos direitos dos trabalhadores e sua liberdade em locais públicos. O liberalismo é o símbolo da liberdade. Quando o liberalismo e seus governos burgueses retiram os direitos dos trabalhadores e usam a força necessária para repreender qualquer forma de manifestação, os governos São violentos?

Em 2001 os professores e funcionários técnicos-administrativos da UNIOESTE, com o apoio de grande parte dos estudantes, entraram em greve e os pagamentos de seus salários foram suspensos por mais de um mês pelo Governo Lerner. A greve é um direito do trabalhador. Fazer as famílias dos funcionários estaduais da UNIOESTE passarem necessidades é violência?

Na ditadura militar, os militares criaram o Departamento de Ordem Política e Social, o famoso DOPS, que policiava e repreendia intensivamente, qualquer movimentação de trabalhadores contra o governo. Milhares de pessoas morreram na ditadura militar ou simplesmente “desapareceram” após serem capturados pelos militares. Isso é Violência?

Em Foz do Iguaçu, no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, ocorreu um fato “pitoresco”, 3 professores desse mesmo colégio foram afastados por DENUNCIAREM A CORRUPÇÃO desse mesmo estabelecimento. Esses professores resistiram a essa absurda punição do núcleo de educação de Foz do Iguaçu, órgão que age como meio de controle da educação publica em Foz a mando do governador do Estado do Paraná, Roberto Requião. Esses mesmos professores foram acusados de atrapalharem as aulas do colégio ao se manifestarem contra tal decisão. Para reprimi-los, foram chamadas pela diretora do núcleo, 12 VIATURAS da polícia, incluindo CHOQUE e ROTAM. Resultados: um aluno ferido, dezenas de alunos vários ameaçados e um dos professores quebrou duas costelas ao ser “interrogado” pelos policiais. A APP em um jornal impresso em repudio a agressão de alunos e professores citou o fato acontecido em 1988 que a cavalaria literalmente passou

em cima dos professores estaduais em manifestação em contra o “ditador” Estadual da época, Álvaro Dias, que após o escândalo da violência excessiva contra professores saiu impune das acusações.

Refaço minha pergunta: O ESTADO È VIOLENTO? SIM, ELE È VIOLENTO!
Um Estado repressor e violento que age quando seus interesses e das classes dominantes desse país estão em risco!

Mídia e violência: Onde está o problema?

Martha Piloto

Quando ligamos a televisão, rádio ou acessamos a internet, nos deparamos com diferentes tipos de violência, agressão física, verbal, moral, entre outras. A violência passou a ser algo corriqueiro e é tratado com normalidade. A “guerra civil” pela qual passamos e a morte de muitos são vistas com alívio por parte da população, como se preto/pobre fosse sinônimo de bandido e merecesse a morte.

A mídia apresenta a violência como algo isolado e destituído da sociedade. Nos coloca simplesmente que a violência nasce na favela, ignorando a desigualdade social existente na nossa sociedade. Para a grande mídia a lei de “olho por olho e dente por dente” é a que conta.

A mídia, colocando-se como quarto poder manipula a sociedade, mostrando o problema da favela e o seu banditismo e também apresentando soluções. Entretanto, essas são propostas de acordo com os seus interesses e não ao encontro de uma solução ampla para o problema da violência.

As soluções que a grande mídia apresenta são simples e diretas. Para os grandes meios de comunicação, o caos chegou a tal ponto que só teremos paz a partir do momento que: houver a redução da idade penal, a construção de mais presídios, o maior controle das favelas e mais policiamento nas ruas. Porque a mídia não coloca a desigualdade social como um dos fatores da violência?

Porque a grande mídia não apresenta o investimento na educação como uma solução para a violência? Qual é a paz que a elite está tentando vender? Apresentar a repressão e o controle direto da população se torna muito mais simples e barato para o Estado.

O que se tem na verdade é a repressão gerando ainda mais violência, mas essa relação não é totalmente esclarecida para a população. Não temos dúvida que o caso João Hélio chocou por tamanha crueldade, mas embora a mídia tenha dado uma ampla cobertura sobre o ocorrido, durante os jogos pan-americanos, a mídia só comentava a respeito dos jogos e das medalhas de ouro, deixando de lado a ocupação dos policiais no morro do Alemão e a morte de 19 civis durante a ocupação. Porque não houve ampla cobertura do caso?

Temos que ter em mente que um maior policiamento não vai diminuir a violência. É

necessário analisar a situação mais profundamente e encontrar soluções visando à raiz do problema. A repressão deve ser substituída por educação, saneamento básico, saúde e outras necessidades da população, senão a situação vai continuar sendo escondida debaixo do tapete à base de muito tapa e cassetete.

Violência: esse mau tem cura?

Alexandre R.. Valcarenghi

Na sociedade contemporânea em que vivemos a violência com todas as suas formas e características é talvez o grande “câncer” que nos assola, e esse mau se torna cada vez mais complexo de se controlar à medida que se aumenta a impunidade e aos grandes problemas sociais que estamos passando como: desemprego, precarização de setores básicos como educação, saúde, segurança, habitação e ao aumento da banalização da violência pelos meios de comunicação, impondo á sociedade a violência como uma coisa normal do cotidiano brasileiro.

E a mais explicita forma de violência, tanto nos meios de comunicação, quanto na sociedade em si é a violência física, que se entende pelo uso excessivo de força, a agressão em si, que pode vir a causar danos físicos à outra pessoa ou pessoas, ser vivo ou objeto, agredindo sua integridade física ou psicológica.

Como no caso do maníaco da Cantareira, que usava de sua força física, para violentar às crianças e adolescentes, daquela região, e além da agressão física em si, os violentava também sexualmente que se caracteriza pelo uso da força para ter benefícios sexuais, como assédio sexual, situações de abuso e a penetração em si, contra vontade do outro. Também se caracteriza como violência sexual: exploração sexual, prostituição infantil, pedofilia. Geralmente a violência sexual, além das marcas físicas que deixa, abala também o aspecto emocional e psicológico devido ao tratamento desumano do ato, o que se caracteriza como uma violência psicológica também.

Uma outra forma de violência pouco divulgada que muitas vezes fica no silêncio: a violência doméstica ou familiar que se caracteriza como uma violência física psicológica e sexual, praticada dentro de casa, geralmente entre parentes. Inclui diversas práticas, como a violência e o abuso sexual contra as crianças, violência contra a mulher, maus-tratos contra idosos e deficientes, e a violência sexual contra o parceiro, tendo entre as maiores vítimas crianças, idosos e principalmente a mulher. A negligência e o abandono de incapaz (bebês, idosos e alguns deficientes) também se caracteriza como uma violência doméstica, como no caso da criança encontrada ao lado do cemitério no município de Nova Aurora-PR no dia 26/12/05, abandonada pela mãe logo após o nascimento, apenas enrolada em uma camisa, toda picada de insetos, e com insolação e desnutrida.

De forma geral o ato de violência, principalmente física marcam todos os espaços da sociedade contemporânea, seja público ou privado. E, deste ponto de vista podemos considerar que a violência é um traço do comportamento social nos dias hoje. As formas encontradas pelo Estado e legitimadas pelo conjunto da sociedade para enfrentar este comportamento tem agido de forma contrária à esperada. Para todos esses tipos de violência tem sido apresentado apenas um remédio a punição. Muito pouco se tem discutido sobre as razões estruturais e históricas deste comportamento violento. Sem uma reflexão corajosa sobre o nosso modo de viver dificilmente encontraremos o antídoto para solucionar os dilemas impostos pelas práticas violentas que caracterizam a sociedade atual.

Violência Moral

Mauro Cezar Vaz de Camargo Jr

Quando ouvimos e vemos reportagens como o escândalo do mensalão, máfia das ambulâncias, e mais recentemente o caso Renan Calheiros dificilmente associamos estas notícias a violência. Porém os problemas políticos estão diretamente ligados à violência, pois todas as medidas para conter ou acabar com a violência passa pelos variados setores governamentais.

Ainda se pensarmos sobre uma ótica diferente, concluir que essas praticas em nada se diferenciam do roubo praticada em outros lugares.

A única diferença é que nos casos de desvio de verba, mau uso do dinheiro público a impunidade é bem maior do que nos crimes de mesmo gênero no meio privado.

Os crimes contra o patrimônio publico atingem a todos nós e podem ser considerados fatores que aumentam o índice de violência , uma vez que o dinheiro que vai para o bolso destes políticos corruptos, é o dinheiro que iria para melhorar as condições sociais de quem realmente precisa, dinheiro este que poderia ser usado na construção de colégios por exemplo.

Há ainda uma outra maneira com a qual somos atacados por esses roubos dos cofres públicos, somos violentados no dia-a-dia ao abrir os jornais, assistir televisão, em conversas onde o assunto é escândalos na administração publica. É uma forma de violência, de tipo moral ao vermos que essas pessoas roubam o “nosso” dinheiro tiram os nossos direitos, tiram a possibilidade de que a nossa comunidade possa recebr melhor infra-estrutura e não recebem punição.

As CPIs já viraram sinônimo de “pizza” pois são investigações com vários acusados e poucos ou nenhum culpado. Enquanto isso nos cidadãos comuns se roubamos algo de alguém com certeza seremos punidos.

Essa diferenciação violenta nossa crenças na justiça nos fazendo o questionamento de porque os ladrões de colarinho vão raramente parar atrás das grades e as pessoas responsáveis por crimes menores são punidos duramente e em curto espaço de tempo sem humilhantes diferentes de Malufs, Nicolais, Georginas.

E mais agressivo é ter que vemos estas pessoas novamente no cenário publico com cargos de grande importância para o país, isto é uma violência contra nos que pagamos diretamente e que seguimos as leis da sociedade.